

SÊMEN



Alexandre Magno Barbosa Moreira

SÊMEN

Sêmen é um chamado visceral:
se já nascemos como o resultado de uma
vitória potente na fecundação, como sustentar
esse sucesso ao longo de toda a vida?

Frôntis  Editorial
São Paulo/SP
2026

Copyright © 2026 Alexandre Magno Barbosa Moreira

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônicos, reprográficos etc., sem a autorização por escrito do autor.

1ª edição - março de 2026

Capa: o autor

Produção Editorial: *Ricardo Sterchele*

www.frontis.com.br

Esta obra **Sêmen** se afirma como uma monografia ensaística de alta voltagem, que entrelaça, com intensidade crescente, reflexões filosóficas, análise crítica da sociedade e fragmentos autobiográficos — tanto de Henry Miller quanto do próprio autor — para amplificar as inquietações viscerais que atravessam cada capítulo. Estruturada em quatro movimentos que se encadeiam como uma progressão vertiginosa, a obra conduz o leitor por uma experiência quase hipnótica. Seu texto não avança de forma linear, mas em espiral: a cada retorno, aprofunda-se mais na investigação do sujeito humano diante das tensões da contemporaneidade — sobretudo na arena do ser profissional, imerso na repetição, na pressão e no desgaste cotidiano. Ao longo desse percurso, a narrativa pulsa ao alternar filosofia, cinema, música, surf, pintura e outras expressões vivas da experiência humana, criando um mosaico dinâmico e sensorial. Tudo converge para uma leitura subjetiva, intensa e transformadora do processo de formação do indivíduo — não como algo estático, mas como um fluxo em constante reinvenção. No fim, a obra não se limita a ser lida: ela convoca. É um chamado bruto e lúcido para habitar o presente com potência máxima — viver o aqui e agora como ato radical de consciência, presença e criação.

Título: Indagação de onde estamos na evolução individual. E uma semente potente para uma vida intensa.

Imagem da capa: Criado via IA, baseando-se na gravura similar presente na apostila do Grupo de filosofia Amigos de Sofia - BA. A foto é uma Reversão ao Criacionismo do Charles Darwin (parece dizer! Se o Homem pensante não se cuidar, viverá regredindo ao *Homo Erectus*, *Homo Habilis* e ou macaco), tudo é uma questão de contágios e escolhas durante toda sua vida e via suas experimentações na “Expansão de sua Consciência!”.

Por quê o nome Sêmen? => A maior competição que existe na vida é justamente no início dela, pois, são mais de 50 milhões de espermatozoides para um único óvulo, portanto, o que conseguiu fecundar e viver (nós próprios) foi o mais estratégico, rápido, focado, potente e feliz (sucesso), portanto, já que partimos com este grande sucesso no início de nossas vidas, como poderemos mantê-lo durante toda nossa vida, já que existirão sempre muitas outras competições durante toda a nossa existência. Lembremo-nos que apenas nascer, crescer, trabalhar, se multiplicar e morrer, qualquer animal irracional faz!

Dedico esta explanação a todos aqueles que procuram pensar nos acontecimentos reais além de sua pura aparência e ignorância.

Sumário

Agradecimentos.	15
Resumo	19
Apresentação	21
Capítulo I	
Crescimento com a Civilização.	33
Capítulo II	
Uma moenda chamada trabalho	39
Capítulo III	
O despertar do eu.	51
Capítulo IV	
Conclusão.	173
Bibliografia	183

Questões instigantes presentes neste livro

Eis algumas das indagações e inquietudes que rodeiam a vida pessoal e profissional:

- 1) Jack Welch => “Sem pressão, sem diamantes”!
- 2) Tio San e seu slogan “você é o número 1, o melhor”!
- 3) O que foi a guitarra para Jimi Hendrix?
- 4) O que uma bailarina campeã numa olimpíada nos deixa como exemplo?
- 5) O homem é o rei dos animais?
- 6) Qual é a diferença entre a inteligência e o pensamento?
- 7) Quem nasceu primeiro o ovo ou a galinha?
- 8) A vida é o surfar em uma onda no mar?
- 9) Uma Escola pode formar seres pensantes ou só escravos?
- 10) O quê Jorge Amado nos ensinou no seu processo da criação?
- 11) Qual mensagem o Henry Ford nos deu sobre como turbinar uma equipe?

- 12) O que é a vida? É uma Ferrari guiada vendo só o que já passou?
- 13) O que é o passado, presente e futuro? O presente existe realmente?
- 14) Uma foto é um retrato de um presente que passou?
- 15) Existe quadro de natureza morta?
- 16) O que foi o quadro Guernica e o cubismo para Picasso?
- 17) O que é o relógio derretido na obra do Salvador Dalí?
- 18) O que tem a ver o Pink Floyd, Cazuza, Janis Joplin e o coelho de Alice no país das maravilhas?
- 19) Um herói pode ser o maior dos covardes?
- 20) O que a figura de um átomo pode representar na liberdade humana?
- 21) Qual é a mensagem do gato risonho para Alice no País das Maravilhas?
- 22) Sêneca => não é possível entrarmos 2 vezes iguais num mesmo rio?
- 23) Qual foi a mensagem do cinema mudo do Charles Chaplin para os humanos?
- 24) Qual foi a mensagem de Tempos Modernos de Chaplin no início do capitalismo?
- 25) O que o Esain Bolt e a Sha'Carri nos dizem sobre superação dos 100 m rasos?
- 26) O que é o Mito de Sísifo em nossa vida pessoal e profissional?
- 27) Borboleta ou lagartixa? Qual é a escolha?

- 28) O que um Shogun e seu Samurai podem nos alertar?
- 29) O que pode o amor e o ódio nos alertar na vida?
- 30) O que a arte Zen nos ensina sobre nosso consciente no momento de nossas escolhas? (pág)
- 31) O que a Arte da Guerra do Sun Tzu nos ensina na vida pessoal e profissional?
- 32) Queimem todas as caravelas e as pontes, pois não haverá retorno!

Agradecimentos

Agradeço inicialmente a Deus por ter-me dado a vida e esta oportunidade de refletir sobre este grande tema Humano que é o da “Expansão da Consciência no Despertar do Eu” enquanto vivo no aqui-agora vida!

Agradeço aos meus queridos e eternos Pais Walter Moreira, Maria do Carmo e família que, com muito “sangue, suor e lágrimas”, sempre me ensinaram com muita maestria e simplicidade como ter uma vida digna, ética e potente. Em especial também, agradeço ao meu tio-polímata Fernando Peixe que dominava muitas áreas do conhecimento e habilidades, pois era maestro da banda de colégio, técnico oficial do time de atletismo do Estado da PB e fabricante manual de alambique na produção de aguardente de cana e na fabricação de instrumentos musicais de percussão. Um verdadeiro Da Vinci.

Sou profundamente grato aos meus amigos e amigas — “índios eternamente queridos” — que até hoje são, na essência, meus irmãos da inesquecível “Vila do IAPC”, em Natal - RN. Foi ali que nasci, cresci e vivi até os meus 25 anos, e é para lá que sempre retorno, como quem volta à

própria origem, sempre que posso passar minhas férias. A Vila não era apenas um conjunto de 34 casas distribuídas entre as ruas A, B e C, juntos com mais 4 pequenos apartamentos (8 residências cada) e mais uma vilinha com mais 10 casas menores, cercados por vizinhanças vivas do bairro, era um verdadeiro universo pulsante, uma comunidade vibrante com mais de 100 personagens, de todas as idades, com todo tipo de profissão, conectadas por laços que iam muito além da convivência. Era um território de formação humana, de intensidade, de pertencimento. Ali, o esporte corria nas veias de todos. Havia quadras por todos os lados, no América FC, no quartel, no Marista e no Seminário e, como se não bastasse, nossos quatro campinhos ao lado de nosso conjunto que eram palco diário de disputas acirradas. Todos jogavam, todos competiam, todos queriam ser melhores nos campeonatos dos clubes, dos colégios, das universidades e, principalmente, uns contra os outros, como irmãos que se desafiam para crescer. Vivemos uma infância e juventude intensas, vibrantes e inesquecíveis. Foram anos transbordando vida: acampamentos que pareciam aventuras épicas, brincadeiras que ocupavam dias inteiros, subir nas árvores dos outros para tirar coco, manga, jambo, caju, limão, pitanga e sair correndo dos cachorros e vigias, pegadinhas memoráveis, brigas que terminavam em risadas, doidices do tipo “sem noção”, brincadeiras brutas, amores que surgiam com força e inocência, carnavais inesquecíveis e festas sem fim. Foi mais do que uma fase, foi um tempo que nos moldou, nos fortaleceu e nos uniu para sempre. Um tempo que

não apenas passou, mas que permanece vivo em tudo o que somos e que carregamos na nossa entrada no futuro.

Agradeço em especial ao meu professor e mestre de filosofia Luiz Izidoro que, através dos seus ensinamentos, me deu potência e segurança para perguntar e independência para procurar minhas próprias respostas. Quero registrar também que foi através desta organização do bom encontro em minha vida (conhecimento da filosofia), que pude ter clareza e consciência do maior obstáculo da vida que é viver na ignorância, na sombra, escravo dos desejos, à mercê dos dias e do tempo (esperando sempre por uma boa morte enquanto em vida ou por uma boa vida após a morte).

Agradeço também com carinho da minha professora Sônia Cavalcante por ter me incentivado a publicar este meu primeiro ensaio, para a conclusão do curso de ADM de empresas. Onde ela, após aprovar minha monografia baseando-se na obra do Henry Miller em NY no início do capitalismo selvagem, me incentivou a publicá-lo, após ter me dado uma ótima nota. Ela instigou-me quando falou que esta obra estava “bem apimentada” e isto seria algo muito benéfico na escrita de livros e possível sucesso no mercado (sua filha que trabalhava numa editora também leu e direcionou-me para esta publicação).

Agradeço com ênfase aos filósofos que têm como experiência de vida e tema de pesquisa a potência de pensar e agir que, segundo Henry Miller no livro seu SEXUS os define como *“os filósofos são os que nos abrem os olhos. O*

que a gente faça com nossa vida mesquinha não lhes interessa. O que a gente faça com a nossa vida interessa apenas a nós, eles parecem dizer. Em suma, seu único propósito aqui na terra é inspirar. E o que mais podemos pedir ao ser humano além disso”?

Resumo

Pesquisa concebida a partir da experiência real vivida por Henry Miller, partindo-se de reflexões críticas dele sobre a realidade do lugar (NY), do povo, das leis, dos códigos de sobrevivência e de liberdade. Evidencia a superação de um homem perante determinadas dificuldades de vida no mundo verbal e não verbal em que vivia o ocidente, em especial o norte-americano. Mostra que o local para se atingir uma verdadeira liberdade é o mundo e ela é condição essencial para que exista a passagem do vivido para o refletido.

Palavras-chaves: Vida, capitalismo, educação, ocidente, intensidade, potência, arte, pensamento, liberdade e Nova York.

Que esta leitura não seja apenas um ato, mas um despertar, que cada página provoque, expanda e ilumine. Que a reflexão aqui contida encontre terreno fértil em você e acenda ainda mais a chama dos espíritos livres que resistem, criam e transformam neste nosso Planeta.

“A possibilidade de arriscar é que nos faz homens.

Vôo perfeito no espaço que criamos. Ninguém decide sobre os passos que evitamos. Certeza de que não somos pássaros e que voamos. Tristeza de que não vamos por medo dos caminhos”. (Damário Dacruz)

Apresentação

Uma vez, numa roda de amigos, um deles me questionou o quê me motivou a escrever especificamente sobre este tema de se tentar manter-se sucesso durante toda uma vida humana independentemente de todas as tribulações que iremos passar? Respondi-lhe que desde meu início de estudos (Colégio Marista, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Eng^a Química => UFRN) e pós-graduação em ADM de Empresas na FACS BA) sempre notei uma grande diferença entre como aprendemos no Brasil (3º mundo) versus como se ensinam no primeiro mundo (especificamente USA e Japão, onde tive mais contato nos meus 38 anos de trabalho contínuo na japonesa KWI por 14 anos (Kurita Water Industries), GE (General Electric USA), Suez/Veolia (Francesas), uma vez que em todos os treinamentos e seminários que eu fui fora do Brasil notava que os participantes destes países de 1º mundo, sabendo-se que todo o assunto iria ser cobrado em uma prova no final, acompanhavam as aulas via seus livros abertos e iam marcando tópicos no livro, sem a necessidade de se escrever muito no caderno (pouquíssimas anotações) e isto me deixava curioso, pois, no Brasil

fomos direcionados e guiados para escrever tudo que o professor escreve, fala ou suspira, pois, “iria cair na prova” => e foi assim por todos meus estudos!!!. Notei, depois de falar com um diretor japonês e o outro líder americano que eles citavam que queria aprender mais com melhores informações, além do que o professor falava e escrevia, pois, era conhecimento que eles queriam e não somente passar (decorar) com notas elevadas nas provas! Deixaram-me claro que, nosso ensino no 3º mundo (não generalizado, lógico que existem professores e Professores!) é para produção de escravos, ou seja, ensinaram-nos a só responder (nosso mais brilhante aluno, será sempre o melhor dos escravos!, ou seja, o que mais decorou e responde). Já no 1º mundo, eles participam das aulas com muitas perguntas, como explicitando para o professor, até aqui eu entendi, fale-me um pouco mais para complementar meu entendimento! ou seja, eles passavam a entender mais sobre os assuntos e não só decoravam! Conforme sabemos, segundo os grandes professores, o melhor aluno é aquele que mais pergunta (ser pensante e não conformista com só a definição como apenas um título por assunto). Este também foi um dos fatos pelos quais, segundo meu mestre de filosofia Luiz Izidoro, dele ter desistido de dar aulas de filosofia em Escolas e Universidades, pois, a grande maioria dos alunos só queriam saber o que iria cair na prova para passar. Esta sua constatação lhe direcionou até hoje para a produção independente via grupos de estudos para alunos que realmente queriam aprender.

Portanto, a questão da educação do terceiro mundo onde tudo se decora para apenas passar de ano tem um viés problemático que é viciante aos estudantes, pois, todas as questões das provas são escritas e faladas pelos professores e registradas nos cadernos. Ninguém precisa ir aos livros aumentar tal conhecimento. Sem este estímulo a leitura, é baixíssimo o número de livros didáticos lidos/ano nas escolas e universidades no Brasil.

Aproveitando-se esta explicação inicial (criação de escravos onde pude ver, viver e sentir totalmente nesta definição em todas as fases do meu ensino, desde o maternal até o final de Engenharia e pós-graduação) notei que eu precisava alertar este curso de pós-graduação em ADM de Empresas que eles precisariam mudar o foco, já que a propaganda do curso era como se tornar um líder, gerente, diretor e ou CEO em suas empresas. Por isso, usei o exemplo vivido pelo Henry Miller no início do capitalismo “selvagem” nos USA (meados de 1920 em diante, principalmente, após a 1ª e 2ª guerras mundiais, onde o “rolo compressor do capitalismo, sem regras e só visão em U\$/hora era o que interessava para as empresas). Tentei informar que se se deixar levar pela regra exclusiva do lucro a qualquer preço, pode-se perder toda uma vida via stress e ou vida atribulada sem muito sentido em termos de viver, curtir, saborear e não só sobreviver (ter o que comer e poder pagar suas contas) e ou se contentar com apenas uma vida comum e confortável. Tentei deixar claro que precisamos entender sobre o que é a vida, o que viemos fazer na Terra, como liderar em um mundo caótico

que só busca o lucro acima de tudo e de todos (como funcionava a moenda de espírito chamada trabalho naquela época) ou seja, qual seria a “luz no final do túnel que não fosse um trem em sentido contrário”. Vislumbrei que, pelo exemplo vivido e contorcido pelo Henry Miller ele nos aponta para uma saída (da produção para a criação) que ele encontrou que foi o seu poder de criação de livros onde pôde espalhar entendimento para todo ser humano. Suas passagens nuas e cruas de seus livros serviram para “apimentar” um pouco sua potência de ser e viver. Enfim, creio que a descoberta do Eu como potência, ajude a criar líderes, gerentes, diretores e CEOs que mudem o dia-dia do stress de trabalho, fazendo com que todos possam trabalhar em sua potência máxima, mas de uma leveza total no dia-dia (trabalhar com astral e saber que cada minuto se está dando o máximo e sempre com sua assinatura no final de cada dia!). Como dizia Frank D. Roosevelt ex-presidente dos USA “...quando se ama o que se faz, nunca trabalharás!”

Enfim, creio que este alerta que fiz sirva para mudar alguns que lerem, pois, a tendência será sempre a criação de iguais indo para a escala de produção, idem o vídeo do The Wall do Pink & Floyd.

Seria, portanto, muita pretensão de um curso de pós-graduação tentar mostrar que, após os 18 meses de várias matérias, se teria uma turma formada de 40 líderes, onde a grande maioria só queria o papel (diploma que

melhorasse seu currículo) e muitos sem a potência necessária para tal liderança!

Creio que minha trajetória profissional na época (inicie em jan/84 como engenheiro dentro do Complexo Petroquímico de Camaçari-Bahia onde se tinha mais de 40 empresas petroquímicas juntas) me ajudaram a entender algumas obras do Henry Miller no sentido de ver a rotina de acordar as 05 horas em Salvador, pegar um ônibus, chegar no Polo Petroquímico as 07 e começar o trabalho, voltando-se às 17 horas e chegando-se às 19 horas em casa. Eram filas diárias de mais de 400 ônibus. Conheci muitos trabalhadores (operadores, analistas, engenheiros, gerentes, diretores, CEOs etc.) e sempre conversava sobre vários temas e o que mais me chamava a atenção era sobre o esforço que se fazia/dia para se manter num grau de produção máxima (muitas empresas eram multinacionais, com vários tipos diferentes de “pressões e metas”). Como eu trabalhava em uma empresa terceirizada, ou seja, que prestava serviços a várias destas empresas, tinha contato direto com todo tipo de filosofia de trabalho. Isto me abriu a mente em relação a me tornar um “líder camaleão”, ou seja, copiar o que era potente por filosofias diferentes nos clientes. Liderei muitos engenheiros em todas empresas que trabalhei (fui gerente técnico e comercial de distritos e de áreas no Brasil, líder de aplicação de produtos na América Latina e, em algumas linhas de aplicação, líder global).

Os fatores/autores que mais dialogaram com esta obra foram justamente o fato de eu ter conhecido um grupo que estava se formando em Camaçari-BA para estudar filosofia onde pagaríamos um professor que viria do RJ e ficaríamos a cada 3/3 meses com 3 dias diretos com ele (sexta a noite, todo sábado e domingo) portanto, começamos com 7 participantes, depois 14 e já chegou a ter mais de 40 pessoas. E este bom encontro com a Filosofia e com o professor Luiz Izidoro me abriu um leque de filósofos potentes como: Nietzsche, B. Spinoza, Gilles Deleuze, D. Hume, Franz Kafka, M. Foucault, dentre vários outros, além de vários artistas, cantores, pintores, livros, filmes, vídeos etc.

Este meu livro foi influenciado pelos filósofos da criação (não da produção) e, em especial, pelo Henry Miller que era um escritor Spinozista! Toda abordagem foi sempre em cima da potência humana que todos têm, mas que precisa ser descoberta e ativada! Tem muitas pinceladas também de artistas, como: Leonardo Da Vinci (onde lhe questionam qual sua melhor obra Mona Lisa ou Santa Ceia e ele responde... minha melhor obra será a próxima! Ele não aceita pararem sua produção via sucesso momentâneo que alguns frizam; Michelangelo quando perguntaram que dia terminará sua obra na Capela Sistina (ele respondeu... é ela (a obra) que responderá..); Glauber Rocha quando citou que prefere as críticas dos seus inimigos, do que o elogio dos amigos, pois, com as críticas ele aprende a criar e mudar o novo, já os amigos, seus elogios me param num sucesso que só eles vêem e até meus erros elo-

giam..; Jimi Hendrix quando respondeu a uma pergunta de um repórter sobre o que é para ele o instrumento guitarra, ele falou “guitarra? Ela é mais um braço que tenho! Não é um instrumento...veja no meu raio X, tenho dentro de mim uma “guitarra” (onde a bacia é o bojo da guitarra, a coluna cervical é o braço e as cordas são meus nervos presos no cérebro que regula o som e a composição)!

Pablo Picasso quando respondeu a um expoente da nobreza sobre o por que você sempre coloca o nariz torto em suas obras...e ele respondeu, quando você está de carro passando perto de uma ponte ela é perfeita ou torta? Ele respondeu, torta. Portanto, o natural para mim é torto;

Bob Dylan citando que não aceita a indicação de que ele é alguém que a juventude deve-se seguir “não sou isto, cada um que crie seu exemplo e espalhe”; dentre muitos outros contatos com artistas potentes que vivem na arte e não dá arte!

A escolha deste autor Henry Miller foi devido ao fato da professora, no final do curso, pedir para escolhermos um tema da monografia e, para tal, ela trouxe 40 livros escolhido por ela para cada aluno ler e tirar de cada um deles o tema que mostrava o que aprendemos em 18 meses de curso sobre ADM de empresas. Como para mim, trabalhando de 8 a 12 horas por dia como engenheiro químico e tendo a pressão diária de liderar todo um time nas regiões N e NE, e na pressão de entregar os “números” a cada quarter, seria muito massacrante eu ter de ler tais livros “administrativos” e, sendo assim, pedi para ela aceitar eu

escolher outros livros para definir o meu tema que ela nos pediu. A mesma falou-me que aceitaria, desde que ela conheça a obra e a intenção correta da monografia. Falei-lhe sobre Henry Miller e ela deixou-me claro que seria muito interessante, pois, é um autor de muita potência, mas, de antemão, pode ser que você “escorregue na filosofia que é mostrada e fuja do tema da monografia” e, neste caso, se não aprovada, terá de fazer outra monografia baseando-se nos livros que eu indiquei. Portanto, foi assim que este ensaio foi possível, materializado e aprovado no curso.

Portanto, toda esta minha pesquisa foi baseada no livro Trópico de Capricórnio de Henry Miller que trata de sua experiência na vida nos EUA no início do capitalismo selvagem em NY após a 1ª guerra mundial. Onde pude associar também com minha experiência real que estava tendo ao trabalhar num polo petroquímico.

Escolhi também este tema porque trata-se de um exemplo real da vida do autor com efeito maior que as palavras no exercício de acalmar as paixões humanas. Suas experimentações de vida dentro deste sistema sufocante que ele viveu, nos dá um exemplo claro de como ele saiu da passividade para a atividade total em vida (elevou a n-ésima potência do seu ser). Seu valor é tão significativo à vida, principalmente em nosso século, que ratifico os seguintes aplausos feitos pela crítica americana a este livro, cujas frases estão citadas nas duas orelhas da sétima edição do mesmo:

“Miller faz uma revolução nos costumes e nos valores sociais, sexuais e na visão do mundo ocidental.”(...) “Destrói os alicerces moral, social e político, juntando-se ao sexo como um louvor a tudo quanto é ainda alegre, sadio, feliz e afirmativo.”(...) “São saltos em direção ao núcleo espiritual de vida (essência).”(...) “É uma espécie de sinfonia do novo mundo.”(...) “Vitalidade, riqueza às vistas, os seus sabores e os odores da vida.”

Controvertido autor, desperta muita alegria por sua franqueza, inconformismo e principalmente sua genialidade. Fatos estes que o tornaram odiado, execrado ou idolatrado em vários países. Turbulentamente engraçado, chocantemente grosseiro e principalmente espantosamente verdadeiro e real. *“Dá plena expressão à determinação de seu autor de enfrentar tudo na vida sem evasão e aceitar tudo sem reserva”.*

É no desdobrar deste sêmen que podemos liberar a energia vital para a vida de todo e qualquer ser humano. Segundo, minha amiga escritora e participante do grupo amigos de Sofia, Cristina Pescuma, *“..são ritmos para quem quiser dançá-los, sabores, odores para quem quiser experimentá-los”.*

Entendo que, embora neste livro narre os acontecimentos do homem do ocidente no início do século XX e em particular Nova York (*“terra da riqueza e felicidade”*) o mesmo está ainda totalmente engajado em nossos dias, portanto, meu objetivo é expor a passagem de um homem de um estado de baixa potência (vida vinculada à

inteligência, trabalho, sobrevivência, adaptação e matéria) para um estado de n-ésima potência do ser (pensar, criar, ser livre.)

O mais interessante, ao ler sua biografia (Henry Miller), é saber que o seu início da fase literária como escritor (sua libertação) surgiu por acaso, quando um amigo dele em sua casa pediu-lhe um pedaço de papel para escrever um lembrete e o Miller lhe falou para pegar na sua gaveta (onde existiam centenas de cartas dele (escrevia e metralhava todos os momentos em que se sentia com muita ira sobre sua vida pessoal e profissional)). O amigo viu estas centenas de relatos, todos com muita intensidade e lhe disse para que ele juntasse tudo e apresentasse em alguma editora para ver se eles avaliariam para iniciar a escrever livros. A partir deste momento, o “monstro Miller” virou escritor de muitas obras sempre intensas e potentes durante toda sua vida.

Observação: Como se tratava de apenas um ensaio, mostrei, antes de concluir, a um amigo meu que é psicólogo que estudou em Sorbone – França, e o mesmo me mostrou uma face totalmente antagônica do que eu tentei explicar neste trabalho, pois, me confessou que eu *“não poderia estar tão impregnado de pensamentos negativos sobre a vida!... e me recomendou livros de psicologia para eu ler e melhorar este meu persimismo!!”*. Já se aproveitando esta concepção absurda! e evitar que outros também leiam com este viés psicológico errôneo, cito que o que existe aqui neste meu ensaio é puro excesso e jamais

falta nenhuma, indicando caminhos para a Expansão da Consciência ainda em vida potente a ser vivida. Parafraseando Foucault, no seu livro Diagrama de Estado, *“..para que possamos escolher nossas melhores prisões (tudo são prisões!!)”* e parafraseando o Gilles Deleuze em sua Esquisonálise, *“..para que procuremos sempre uma fuga fiel a nossa felicidade e saia do status quo do cotidiano massificante de impotentes iguais!”*.

Enfim, esta obra integra filosofia, arte, análise social e experiência pessoal para refletir sobre a formação do indivíduo moderno. Situada no contexto do século XX, analisa como trabalho, educação e capitalismo produzem rotinas e automatismos que limitam a potência humana, simbolizada pelas metáforas da fecundação e do “sêmen” como força vital inicial.

Inspirada principalmente em pensadores como Friedrich Nietzsche, Baruch Spinoza, David Hume e Gilles Deleuze, a obra defende o despertar do “Eu” como caminho para recuperar criatividade, autonomia e liberdade. Henry Miller aparece como figura simbólica do homem moderno, expressando o conflito entre opressão e criação.

Com linguagem que mescla entre o acadêmico, o literário e o autobiográfico, o texto dialoga diretamente com o leitor, critica a padronização social e valoriza a singularidade da experiência. A reflexão sobre as relações entre sexo, espontaneidade e liberdade em Miller é explorada como espaço simbólico de liberação dos impulsos criativos e resistência ao cinismo social.

Por fim, este ensaio, conclui que a expansão da consciência é um exercício cotidiano de coragem e responsabilidade, sendo a vida vivida de forma autêntica, o verdadeiro espaço da liberdade.

“A possibilidade de arriscar é que nos faz homens. Vôo perfeito no espaço que criamos. Ninguém decide sobre os passos que evitamos. Certeza de que não somos pássaros e que voamos. Tristeza de que não vamos por medo dos caminhos”.
(Damário Dacruz)

Capítulo I

Crescimento com a Civilização

(início do contágio, massificação e descobertas)

O século XX é marcado por muitas transformações desde o seu início, onde destacamos: as duas grandes guerras mundiais, explosão do capitalismo na América do Norte e expansão para os demais países do mundo, avanço da ciência e da tecnologia, revolução da juventude e a plenitude da era da informática e controle.

Foi neste clímax de transformações que nasceu nos EUA em 1891, Henry Miller, que desde seu primeiro contato com o mundo externo ao ventre de sua mãe, quando de sua inicial consciência do que era a vida no ocidente, em especial Nova York, havia sempre nele os seguintes questionamentos que o acompanharam em vida: *“mesmo em criança, quando nada me faltava, eu queria morrer: queria entregar-me porque não havia sentido em lutar. Sentia que nada seria provado, justificado, somado ou subtraído se eu continuasse uma existência que não havia pedido (...) era uma qualidade puramente negativa, uma fraqueza que flo-*